

**ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO:  
PERFIL DOS VISITANTES DE DOIS ATRATIVOS NATURAIS DO  
PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, MG\***

Laura Gualtieri-Pinto<sup>\*\*</sup>; Carlos Ardisson Maciel de Freitas<sup>\*\*</sup>;  
Felipe Fonseca de Oliveira<sup>\*\*</sup> & Múcio do Amaral Figueiredo<sup>\*\*\*1</sup>

<sup>\*\*</sup>Curso de Geografia e Análise Ambiental  
Centro Universitário de Belo Horizonte, Uni-BH  
Av. Prof. Mário Werneck, 1685, Campus Estoril, 30455-610  
Belo Horizonte, MG  
<sup>1</sup>m67f@yahoo.com.br

**Eixo 2** - Planejamento e gestão do ecoturismo em unidades de conservação

Palavras-chave: perfil dos visitantes, unidades de conservação,  
atrativos naturais

## **Resumo**

A principal função das trilhas sempre foi a de suprir a necessidade de deslocamento. No entanto, pode-se verificar que ao longo dos anos houve uma alteração de valores em relação às trilhas. De simples meio de deslocamento, as trilhas surgem como novo meio de contato com a natureza. As trilhas oferecem aos visitantes a oportunidade de desfrutar de uma área de maneira tranqüila e alcançar maior familiaridade com o meio natural. Trilhas bem construídas e devidamente mantidas protegem o ambiente do impacto do uso, e ainda asseguram aos visitantes sensação de conforto, segurança e satisfação. Além disso, terão papel significativo na impressão que o visitante levará sobre a área e a instituição que a gerencia. Nesse sentido, é de fundamental importância que se conheça o perfil dos visitantes das trilhas, relativo à sua percepção ambiental e à sua conduta pessoal perante as limitações impostas às suas atividades recreacionais no meio natural. Sendo assim, o presente trabalho propõe analisar um conjunto de questionários respondidos pelos visitantes das trilhas que levam aos dois principais atrativos naturais do Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais: Cachoeira da Farofa e Canyon das Bandeirinhas. Os questionários avaliativos do perfil do visitante utilizados neste trabalho foram adaptados das propostas de Cole et al (1997) e Barros (2003). Foram aplicados cem questionários entre os visitantes dos atrativos naturais e que, portanto, percorreram a(s) trilha(s) que levam até os mesmos. Assim, crê-se

---

\* O presente trabalho é parte de projeto de iniciação científica e monografia de graduação.

que tiveram tempo suficiente para observar aspectos relativos à conservação da área natural em que estavam inseridos. Os resultados da análise dos questionários mostraram algumas disparidades quanto ao perfil dos visitantes dos atrativos citados. Os visitantes da Cachoeira da Farofa frequentam o atrativo em grupos maiores, ao contrário dos visitantes do atrativo Canyon das Bandeirinhas, sugerindo que os visitantes do primeiro atrativo parecem mais entretidos com o relacionamento intragrupal e não em contemplar a natureza, diferenciando-se de grupos menores ou de duplas. Grupos maiores não demonstram interesse em conhecer as normas de utilização dos atrativos naturais do Parque, sugerindo uma inadequação de grupos com mais de cinco pessoas. Dessa maneira, estabelece-se uma diferença qualitativa entre o número total de visitantes/dia e o tipo de agrupamento ao qual estão ligados. Portanto, grupos menores tendem a ser mais integrados às normas de conduta pessoal, percebendo melhor as nuances e diferenças que envolvem o comportamento humano em ambientes urbanizados e em ambientes naturais.

## **Introdução**

O ambiente natural constitui-se de variados elementos em constante evolução, ocorrendo em ciclos de tempo em uma perspectiva geológica, ou seja, a natureza se transforma de forma bastante lenta, se comparada às referências temporais humanas. Os ciclos de tempo geológico ocorrem, numa visão otimista, em milhares de anos, ultrapassando, obviamente, a noção de ciclos temporais históricos. Alguns ambientes terrestres, e mais visivelmente, em território brasileiro, foram consolidados a centenas de milhões de anos, sofrendo lentas e contínuas transformações naturais desde então.

Com o advento da civilização, o homem iniciou suas transformações na paisagem natural, apropriando-se dos recursos de que a natureza dispunha.

Uma das primeiras ações transformadoras foi a demarcação de trilhas durante suas peregrinações nômades nos diversos ambientes globais alcançados pelo impulso migratório. Na atualidade, esta característica, de percorrer ambientes naturais costumeiros, ainda é largamente utilizada, seja no dia-a-dia de comunidades rurais, seja em caminhadas ecoturísticas.

Esta atividade é causadora de desequilíbrios ambientais. As trilhas, quando mal cuidadas, são ambientes propícios à catalisação de processos erosivos concentrados, pois funcionam como canais concentradores do fluxo d'água superficial, proveniente, em sua maioria, de fenômenos pluviais (chuva).

Desta maneira, na última década do século passado, o turismo ecológico alcançou seu período áureo, intensificando a visitação às unidades de conservação.

Segundo Andrade (2003), a principal função das trilhas sempre foi a de suprir a necessidade de deslocamento. No entanto, pode-se verificar que ao longo dos anos houve uma alteração de valores em relação às trilhas. De simples meio de deslocamento, as trilhas surgem como novo meio de contato com a natureza. A caminhada incorpora um novo sentido e recebe um grande número de adeptos. Atualmente uma das principais atividades em ecoturismo é a caminhada em trilhas e suas variantes. As trilhas oferecem aos visitantes a oportunidade de desfrutar de uma área de maneira tranquila e alcançar maior familiaridade com o meio natural. Trilhas bem construídas e devidamente mantidas protegem o ambiente do impacto do uso, e ainda asseguram aos visitantes sensação de conforto, segurança e satisfação. Além disso, terão papel significativo na impressão que o visitante levará sobre a área e a instituição que a gerencia.

Nesta perspectiva, Salvati (2003a, 2003b) mostra que a trilha é o caminho existente ou estabelecido, com diferentes formas, comprimentos e larguras, que possui o objetivo de aproximar o visitante ao ambiente natural, ou conduzi-lo a um atrativo específico, possibilitando seu entretenimento ou educação através de sinalização ou de recursos interpretativos.

Segundo Andrade (2003), após mais de 50 anos de criação do primeiro parque nacional, o Brasil não tem ainda um sistema nacional ou estadual de trilhas em unidades de conservação devidamente implantado. As trilhas existentes, principalmente de longa distância, não recebem manutenção adequada, quase todas sofrem o problema de erosão e há pontos críticos com relação à segurança. Surgem não se sabe de onde e freqüentemente desaparecem, tomadas pelo mato, devido ao desuso. Some-se a isso a constante ausência de mapas, sinalização e meios interpretativos. Com o desenvolvimento adequado de trilhas e o aumento da consciência de que trilhas em unidades de conservação ou outras áreas onde se pratica o ecoturismo não são apenas picadas improvisadas, espera-se que não só novas áreas sejam abertas de forma correta, mas também que seja remediada a situação das áreas desenvolvidas de forma incorreta.

## **Objetivos**

Com relação aos impactos ambientais decorrentes da implantação/existência e uso de trilhas, observa-se que as mesmas representam uma interferência do homem no ambiente natural. Provocam tanto impacto físico como visual e sonoro. Ao mesmo tempo, restringem essa interferência a um único e delimitado itinerário. Usualmente, as trilhas para ecoturismo passam por ambientes naturais frágeis ou carentes de proteção. Os efeitos que uma trilha causa no ambiente natural ocorrem principalmente na superfície da trilha propriamente dita, mas a área afetada pode ser de um metro ou mais a partir de cada lado.

Nesse sentido, é de fundamental importância que se conheça o perfil dos usuários/visitantes/ecoturistas das trilhas, relativo à sua percepção ambiental e à sua conduta pessoal perante as limitações impostas às suas atividades recreacionais no meio natural. A percepção de tal conduta deverá funcionar como um processo norteador para adoção de medidas que visem à manutenção e conservação dessas áreas naturais.

Vários trabalhos têm apresentado resultados enfocando análise ambiental em trilhas, desde percepção ambiental, passando pela análise geomorfológica e pedológica até a concepção do planejamento ambiental passo-a-passo voltado ao ecoturismo (Guillaunon, 1977; Cooke & Doornkamp, 1990; Cole, 1995a, 1995b, 1995c; IBAMA, 2001; Vilas Bôas, 2001a, 2001b; Andrade, 2003; Costa et al, 2003; Salvati, 2003b; Vallim et al., 2004). Alguns trabalhos têm abordado a região da Serra do Cipó, com enfoques na análise geoespacial (Moura, 2000, Gontijo, 2003), sócio-espacial (Oliveira, 2002a; Oliveira, 2002b) e ecológica (Perini, 2002; Mendes, 2003), mas nenhum tratando especificamente da questão da percepção dos usuários de trilhas ecoturísticas e sua importância no plano de manejo sustentável de unidades de conservação.

Sendo assim, o presente trabalho propõe analisar um conjunto de questionários respondidos pelos usuários das trilhas que levam a dois atrativos naturais do Parque Nacional da Serra do Cipó, em Minas Gerais: a trilha da Cachoeira da Farofa e a do Canyon das Bandeirinhas.

## **Materiais e métodos**

As trilhas utilizadas como foco de investigação foram escolhidas em função do volume de utilização das mesmas e da importância dos atrativos naturais para onde destinam.

Foram realizados três trabalhos de campo, objetivando o reconhecimento geral das trilhas e dos atrativos naturais, assim como para a aplicação de um questionário avaliativo do perfil do usuário, objetivo principal deste trabalho. O questionário foi adaptado das propostas de Cole et al (1997) e Barros (2003).

Na etapa seguinte, foi realizada a análise dos dados, através da construção de gráficos com a utilização do software Excel.

### **Apresentação e discussão dos resultados**

Foram aplicados cem questionários entre os turistas que estavam usufruindo os anteriormente referidos atrativos naturais e que, portanto, percorreram a(s) trilhas que levavam até os mesmos. Assim, crê-se que tiveram tempo suficiente para observar aspectos em relação à conservação da área natural em que estão inseridos. A trilha de acesso à Cachoeira da Farofa tem seis quilômetros (06 km), entre a portaria principal do Parque e o referido atrativo. A trilha que leva ao Canyon das Bandeirinhas perfaz uma distância de cerca de doze quilômetros (12 km) de extensão a partir da mesma referência inicial.

No segundo trabalho de campo, após o de reconhecimento do local, foram aplicados cinquenta questionários junto aos visitantes do atrativo natural Cachoeira da Farofa. No terceiro trabalho de campo, foram aplicados mais cinquenta questionários no atrativo natural Canyon das Bandeirinhas. Assim, os dados foram tabulados e preliminarmente analisados como se segue.

As tabelas foram construídas a partir da comparação das respostas dos questionários da Cachoeira da Farofa e do Canyon das Bandeirinhas.

Como pode ser observado nas figuras 1 e 2, há uma crescente procura por áreas recreacionais naturais, pois o percentual de visitantes que procuram o parque pela primeira vez é elevado (48 e 42,8%, respectivamente), demonstrando a necessidade de um planejamento mais adequado das trilhas que levam aos atrativos.

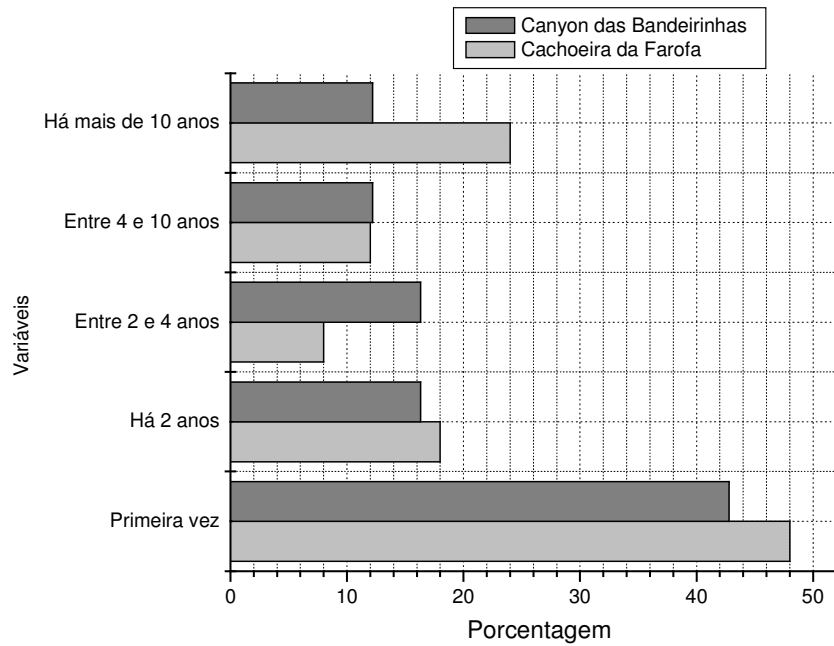


Figura 1: Dados referentes aos períodos de tempo desde quando os usuários freqüentam o Parna Cipó.

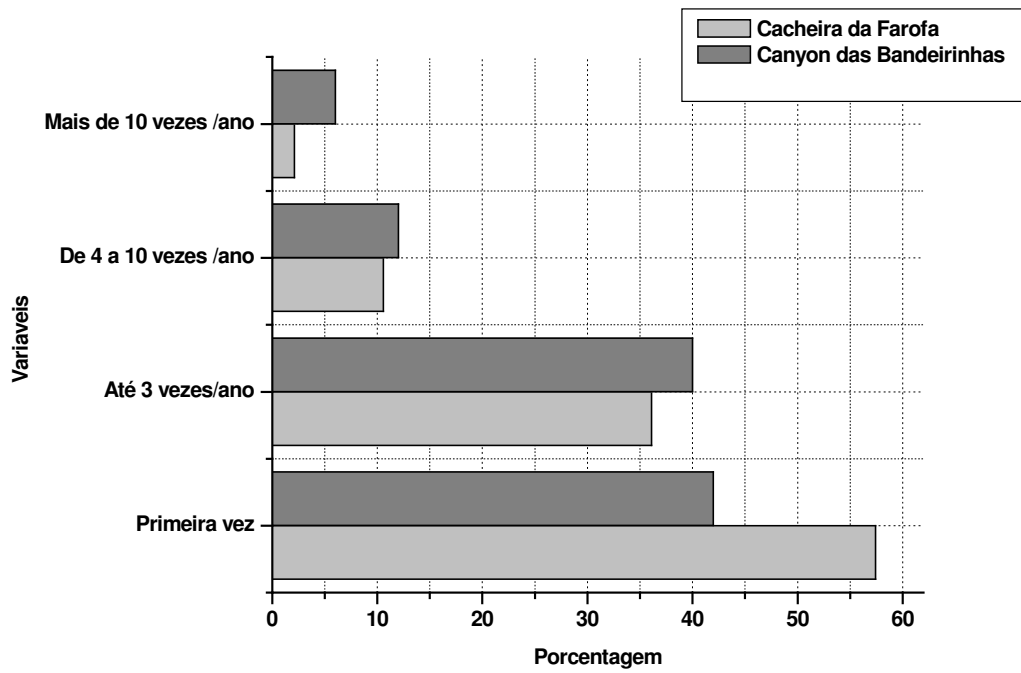


Figura 2: Dados referentes à freqüência dos visitantes em vezes/ano no Parna Cipó.

Com relação à utilização das duas áreas recreacionais pesquisadas, observa-se que a trilha da Cachoeira da Farofa apresenta, em sua maioria, visitantes de primeira viagem, sendo os usuários da trilha do Canyon das Bandeirinhas mais assíduos. Provavelmente, isso está ligado ao fato de que para se alcançar o primeiro atrativo, percorre-se uma distância menor, facilitando o deslocamento de ida e volta. Já os usuários da trilha do Canyon das Bandeirinhas parecem ser mais experientes, procurando áreas menos acessíveis onde o contato com a natureza tornar-se-á mais contemplativo e proveitoso.

Assim, observa-se que há algumas disparidades quanto ao perfil dos usuários do atrativo Cachoeira da Farofa e Canyon das Bandeirinhas. No quesito “tamanho dos grupos de visitantes”, os usuários da Cachoeira da Farofa, visitam o atrativo em grupos maiores e demonstram menos interesse em conhecer as normas de utilização, ao contrário dos usuários do atrativo Canyon das Bandeirinhas. Esse comportamento é mais um indício de que os usuários do primeiro atrativo tendem a estar mais entretidos com o relacionamento intragrupal do que em contemplar a natureza, enquanto que em grupos menores ou duplas, os momentos de

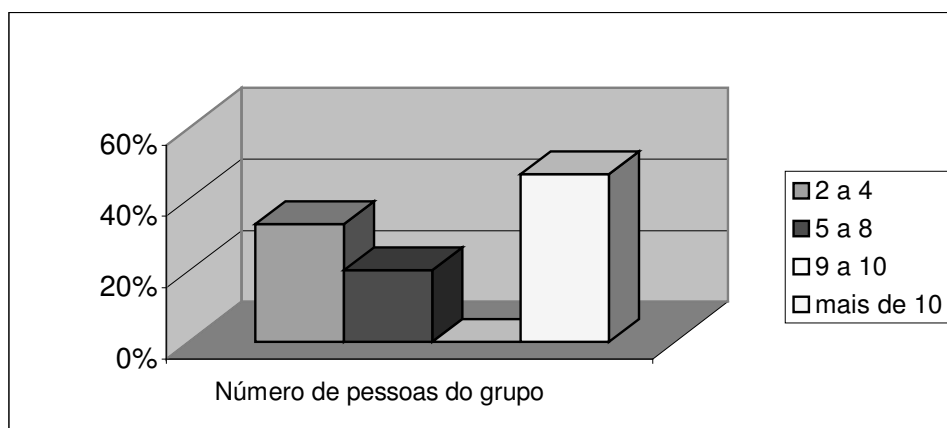


Figura 3: Distribuição dos grupos de visitantes da Cachoeira da Farofa

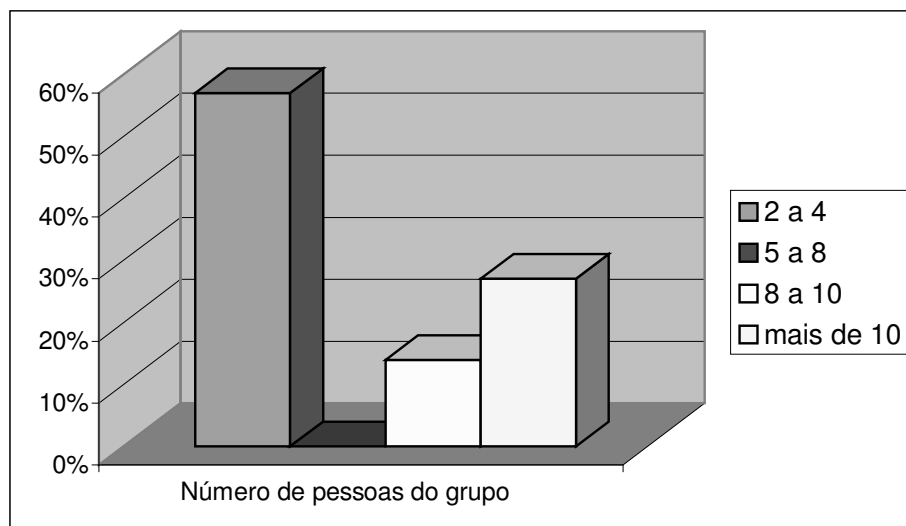


Figura 4: Distribuição dos grupos de visitantes do Canyon das Bandeirinhas

contemplação da natureza são favorecidos, proporcionando maior interação com ambiente natural. Além disso, os grupos maiores não demonstram interesse em conhecer as normas de utilização das atrações e trilhas do Parque, o que sugere uma inadequação de grupos com mais de cinco pessoas para visitas aos atrativos do Parque. Dessa maneira, estabelece-se uma diferença qualitativa entre o número total de visitantes dia e o tipo de agrupamentos aos quais os usuários estão ligados. Grupos menores tendem, portanto, a serem mais integrados com as normas de conduta pessoais, percebendo melhor a nuances e diferenças que envolvem o comportamento humano em ambiente urbano e natural. Além disso, a percepção dos visitantes ecoturistas a respeito de alguns itens relacionados à degradação das trilhas (Tab. 1) não condiz com o Levantamento Detalhado de Impactos em Trilhas (LIDT), realizado por Almeida (2005), nas mesmas trilhas. Itens como “árvores

Tabela 1 – Itens percebidos pelos visitantes relacionados à degradação das trilhas.

Variáveis	Cachoeira da Farofa	Canyon das Bandeirinhas
	%	%
Trilhas mal mantidas e com erosão	37,2	65,8
Trilhas com muitos visitantes	30,5	19,5
Árvores quebradas e danificadas	6,7	9,7
Lixos ou resíduos deixados pelos visitantes	10,1	7,3
Dejetos (fezes) em locais inadequados	11,8	19,5
Barulho provocado por visitantes	3,3	7,3

quebradas e danificadas” e “lixos ou resíduos deixados pelos visitantes”, não foram encontrados pelo referido autor. Os dejetos verificados pelos visitantes provavelmente estão relacionados a fezes de cavalos, muito comuns nas trilhas investigadas, pois existe uma tropa de cavalos para aluguel dentro do Parque Nacional da Serra do Cipó, serviço esse, explorado pela iniciativa privada.

Quanto ao conhecimento das normas de conduta (Tab. 2) e demais procedimentos, a maioria dos visitantes dos dois atrativos naturais responderam positivamente, demonstrando, portanto, preocupação com a conservação das áreas recreacionais do Parna Cipó. Isso é importante, pois, pode sinalizar que campanhas ou projetos voltados para o manejo das atividades ecoturísticas do parna, poderão ser bem recebidos pelos usuários desses atrativos.

Tabela 2 - Conhecimento das normas, regras e procedimentos durante a visita.

Variáveis	Cachoeira da Farofa %	Canyon das Bandeirinhas %
Sim	90	88
Não	10	12

Assim, esta breve análise ensejou contribuir para a discussão acerca da utilização ecoturística de unidades de conservação no Brasil, mostrando que os ambientes naturais, ou seja, ainda não totalmente transformados pela ação antropogênica, são espaços a ser melhor utilizados, porém, segundo parâmetros e normas bem definidos, tornando-os sustentáveis e belos, perpetuando assim, sua função como áreas de contemplação e proximidade espiritual com a natureza.

### **Considerações finais**

Ficou evidenciado que alguns aspectos merecem maior atenção para efeito de planejamento e monitoramento da visitação ecoturística nas duas trilhas do Parque Nacional da Serra do Cipó. São eles:

- Os visitantes das duas trilhas têm perfis sócio-culturais distintos, refletindo na coerência das respostas dadas;

- Os visitantes do atrativo natural Cachoeira do Sobrado (ou da Farofa), são essencialmente menos informados e menos interessados em contemplar a natureza;
- Os visitantes do atrativo natural Canyon das Badeirinhas, são em menor número, mais bem informados, e interessados em contemplar a natureza;
- Os grupos maiores de visitantes parecem não ser o ideal, pois tendem a favorecer o entretenimento intra-grupal, desfavorecendo uma maior comunhão com o ambiente natural, além de serem mais ruidosos.
- Muitas das respostas não condizem com a realidade encontrada nas trilhas quando da utilização da técnica do Levantamento Detalhado de Impactos em Trilhas – LIDT, empregado por Almeida (2005).

Agradecimentos: Ao Ibama, pela permissão de trabalho dentro do Parque Nacional da Serra do Cipó e pela cessão de uso do alojamento.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, A. A. de. Diagnóstico ambiental em trilhas ecoturísticas: estudo de caso no Parque Nacional da Serra do Cipó, MG. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, Curso de Geografia e Análise Ambiental. CD-ROM (Monografia de Graduação). 2005.

Andrade, W. J. Implantação e manejo de trilhas. In: Mitraud, S. (Org.). Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável. Seção 2, Capítulo 2.6. Brasília: WWF-Brasil. p. 247-260. 2003.

Barros, M. I. A. de. Caracterização da visitação, dos visitantes e avaliação dos impactos ecológicos e recreativos do planalto do Parque Nacional do Itatiaia. Piracicaba: ESALQ, Universidade de São Paulo (Dissertação de Mestrado). 2003.

Cole, D. N. Experimental trampling of vegetation. I. Relationship between trampling intensity and vegetation response. *Journal of Applied Ecology*, v.32, p.203-214. 1995a.

Cole, D. N. Experimental trampling of vegetation. II. Predictors of resistance and resilience. *Journal of Applied Ecology*, v.32, p.215-224. 1995b.

Cole, D. N. Disturbance of natural vegetation by camping: experimental applications of low-level stress. *Environmental Management*, v.19, n.3, p. 405-416. 1995c.

Cole, D. N.; Watson, A. E.; Hall, T. E.; Spildie, D. R. High use destination in wilderness: social and biophysical impacts, visitor responses, and management options. *Research Paper INT*, 496. Ogden: USDA, Forest Service Intermountain Research Station. 30p. 1997.

Cooke, R. U. & Doornkamp, J. C. *Geomorphology in environmental management*. Oxford: Clarendon Press. 1990.

Costa, S. M.; Gama, S. V. G. & Moura, J. S. R. As trilhas como unidade de análise ambiental: o caso do maciço Gericinó-Mendanha (RJ). <http://www.cibergeo.org/xsbgfa/cdrom/eixo3/3.3/251/251.htm>. 2003. (acessado em 15/08/2004).

Gontijo, B. M. A ilusão do ecoturismo na Serra do Cipó / MG: o caso de Lapinha. Brasília: Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília (Tese de Doutorado). 192p. 2003.

Guillaunon, J. R. Análise das trilhas de interpretação. *Boletim Técnico do Instituto Florestal (SP)*, n. 25. São Paulo, 1977.

IBAMA. Roteiro metodológico para a gestão de áreas de proteção ambiental – APA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Diretoria de Unidades de Conservação e Vida Silvestre. Brasília: IBAMA. 2001.

Mendes, R. S. Experimentos de enriquecimento in situ: respostas de algas bentônicas à adição de nutrientes em um córrego de altitude da Serra do Cipó-MG. Belo Horizonte: Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação de Mestrado) 71p. 2003.

Moura, A. M. F. Serra do Cipó-MG: ecoturismo e impactos sócio-ambientais. Belo Horizonte: Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação de Mestrado). 184 p. 2000.

Oliveira, H. G. O projeto de Arquitetura como co-gestante do devir de um território: ocupação e transformação sócio-espaciais na Serra do Cipó. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado) 382p. 2002a.

Oliveira, A. M. A preservação ambiental e a urbanização na Serra do Cipó. Belo Horizonte: Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação de Mestrado) 202p. 2002b.

Perini, F. A. Morfologia funcional e biogeografia de lagartos de campo rupestre do Parque Nacional da Serra do Cipó (MG). Belo Horizonte: Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação de Mestrado) 67p. 2002.

Salvati, S. S. Trilhas: Conceitos, Técnicas de Implantação e Impactos. <http://sites.uol.com.br/ecosfera/trilhas.htm>. 2003a. (acessado em 15/08/2004).

Salvati, S. S. Planejamento do ecoturismo. In: Mitraud, S. (Org.). Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável. Seção 1, Capítulo 1.1. Brasília: WWF-Brasil. p. 33-88. 2003b.

Vallim, C. M. C; Xavier, T. F. & Gama, S. V. G. Trilhas: solo, vegetação e problemas decorrentes do uso – o caso do maciço Gericinó-Mendanha (RJ). [http://www.cibergeo.org/agbnacional/VICBG-2004/Eixo2/E2\\_161.htm](http://www.cibergeo.org/agbnacional/VICBG-2004/Eixo2/E2_161.htm). 2004. (acessado em 15/08/2004).

Vilas Boas, R. Planejamento e manejo de atividades turísticas e recreativas em áreas naturais. <http://www.turismosertanejo.com.br/PLANEJAMENTO%20E%20MANEJO.htm>. 2001a. (acessado em 15/08/2004).

Vilas Boas, R. Recursos naturais e perfil de visitante: fundamentos para o ecoturismo do Parque Florestal Quedas do Rio Bonito, Lavras (MG). <http://www.turismosertanejo.com.br/RioBranco.htm>. 2001b. (acessado em 15/08/2004).